

O OCIDENTE DEVE SE PREPARAR PARA UM ACERTO DE CONTAS HÁ MUITO ESPERADO

Por Chandran Nair*



Shutterstock.

Cinco grandes tendências ilustram como o mundo está mudando e que o Ocidente deve lidar com a realidade de que não pode mais impor sua "liderança" como antes.

A ordem internacional multipolar pós-ocidental está chegando ao fim. Enquanto o mundo lida com as implicações dessa mudança de poder, os fundamentos de um grande ajuste de contas estão tomando forma. Esse cálculo desafiará crenças e estruturas de longa data que sustentaram o domínio ocidental do mundo nas últimas centenas de anos, expondo ao longo do caminho a natureza do direito percebido do Ocidente de liderar a hierarquia global. O resultado final será uma reavaliação significativa das relações internacionais como as conhecemos.

Este grande acerto de contas será impulsionado por cinco grandes tendências, que estão obrigando as nações ocidentais a enfrentar e se adaptar a um futuro em que o poder deve ser compartilhado com o resto em um mundo multipolar. Deixar de reconhecer ou tentar resistir fortemente a essas tendências pode representar riscos significativos não apenas para o próprio Ocidente, mas também para a estabilidade global. No entanto, conflitos futuros podem ser evitados se esse período de mudança for visto como uma oportunidade para construir um mundo mais igualitário, e não como uma crise que ameaça privilégios preferenciais e arraigados.

CINCO TENDÊNCIAS A CONSIDERAR

O futuro que aguarda o Ocidente – uma transição suave para a multipolaridade ou um período de instabilidade e conflito potencial – dependerá em grande parte de como os formuladores de políticas respondem às cinco tendências a seguir.

A **primeira** é o desvendamento da história até então contada. O Ocidente, ao longo de sua história colonial, praticou e aperfeiçoou a interpretação seletiva e a narrativa dos eventos, optando por se retratar como o criador da civilização moderna e uma força orientadora benevolente. Isso agora está mudando; as tecnologias da informação, como a Internet e as mídias sociais, quebraram o monopólio sobre a informação e a história, outrora detido pelas instituições de controle ocidentais (empresas de mídia, universidades, editoras de livros e outras). Como consequência, as pessoas ao redor do mundo estão reconhecendo que a história não está mais confinada à interpretação ocidental – incluindo sua projeção de benevolência.

Um componente significativo disso tem sido o frequente fracasso do Ocidente em reconhecer seu próprio passado imperfeito. Apesar de amplificar os erros percebidos de outros, ele tem se mantido em silêncio sobre seus próprios momentos desagradáveis, como a destruição das culturas das Primeiras Nações pelos primeiros pioneiros americanos, a exploração europeia do continente africano ou o tratamento dado pela Austrália aos povos aborígenes. Abordar esses episódios históricos é ainda mais importante porque eles afetam o comportamento atual; As nações ocidentais também têm problemas em admitir erros e intenções contemporâneas.

As nações não ocidentais podem agora deixar claro que seus próprios países e comunidades têm longas histórias que não apenas existem apesar da interpretação ocidental, mas que precisam ser exploradas, compreendidas e contadas. O Ocidente deve lidar com essa tendência e suas implicações, em vez de continuar a obscurecê-la em negação. Considere os [esforços diplomáticos em andamento](#) do governo indiano para obrigar a Grã-Bretanha a devolver o tesouro roubado da Índia, incluindo algumas das joias da coroa.

A **segunda tendência** é a reavaliação da ordem internacional “baseada em regras”. Os formuladores de políticas em Washington podem não gostar de ouvir isso, mas o conceito é objeto de muito escárnio em todo o mundo e é amplamente considerado uma ferramenta usada pelo Ocidente para controlar os assuntos globais e manter a hegemonia. Há um amplo ressentimento crescente contra as nações ocidentais devido à [constante violação](#) de suas próprias regras, o que significa que a legitimidade dessa ordem está sendo questionada, apesar de seus aspectos positivos.

Coincidindo com essa crescente frustração está a realidade de que a distribuição do poder em mais nações está transformando a atual ordem mundial e criando novas oportunidades e desafios. A China assumiu uma posição mais proeminente, oferecendo bens públicos globais, [como pacificação](#) e [enfrentamento da mudança climática](#) de uma maneira que as nações ocidentais não estão dispostas ou não são

capazes de fazer. Da mesma forma, a [Índia começa a se afirmar](#), assim como outras nações menores, como os [Emirados Árabes Unidos](#) e a [Indonésia](#).

À medida que mais países determinam suas próprias trajetórias no século XXI, o Ocidente deve reconhecer que o equilíbrio internacional de poder mudou. Não pode continuar a impor sua vontade aos outros – a ascensão da China e de outras nações é prova disso. O Ocidente deve aceitar essa nova realidade e reconhecer que é necessária uma abordagem nova, mais pragmática e multipolar, em que as nações busquem políticas externas comprometidas com a coexistência, impulsionadas por seus próprios interesses, em vez de se alinharem com “um lado” ou com o outro.

A **terceira** é o desmascaramento da “manutenção da paz” ocidental. Apesar de se apresentar como o garantidor da segurança global, grande parte do mundo agora vê os Estados Unidos, e a Europa em menor grau, como se estivessem lucrando com a guerra em vez de estarem interessados em promover a paz autêntica. O complexo militar-industrial ocidental – particularmente dos EUA – é tão poderoso que agora é bem conhecido por [conduzir a política externa de Washington](#) à medida em que perpetua conflitos para, assim, lucrar com a guerra.

Atualmente, os Estados Unidos e seus aliados da OTAN estão [impulsionando o aumento dos gastos militares globais](#), com os EUA gastando mais em defesa do que os [próximos dez países juntos](#). É igualmente bem conhecido que quase metade do orçamento do Pentágono [vai para empreiteiros privados](#) a cada ano, e o complexo militar-industrial [doa milhões de dólares para corridas eleitorais ao Congresso americano](#), resultando na captura do estado e aumentos significativos nos orçamentos de defesa.

O resto do mundo percebeu que não se pode confiar apenas no Ocidente para liderar os esforços globais de paz, especialmente se uma parte significativa de suas economias for voltada para lucrar com os conflitos. Diante disso, uma mudança positiva está ocorrendo, com a China negociando acordos de paz inovadores – entre a [Arábia Saudita e o Irã](#), por exemplo – enquanto líderes mundiais como o indonésio Joko Widodo, o indiano Narendra Modi e o brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva [lançam propostas pacíficas](#) de resolução de conflitos modernos.

A **quarta tendência** em andamento é o destronamento da superestrutura financeira ocidental. Que o Ocidente faz amplo uso de seu poderio financeiro para vantagens e propósitos geopolíticos não é nenhum grande segredo – legisladores e especialistas falam abertamente sobre a [“armamentização das finanças”](#) e a aplicação de sanções a países que não cumprem as intenções ocidentais. Da mesma forma, a capacidade dos Estados Unidos e seus aliados de congelar e até mesmo confiscar as reservas de estados soberanos – Afeganistão, Venezuela, Rússia – enviou ondas de choque em todo o mundo.

Por causa disso e do próprio histórico de ganância e impropriedade financeira do Ocidente – que resultou em crises devastadoras, como a crise financeira de 2007-2008 e o recente colapso do Silicon Valley Bank, que teve reverberações globais – a desconfiança e rejeição das estruturas financeiras do Ocidente está crescendo.

Estão em andamento esforços para dismantelar o privilégio exorbitante concedido aos Estados Unidos por meio de sua moeda. A desdolarização está acontecendo, com a participação da moeda nas reservas globais [caindo para 47% no ano passado](#), bem abaixo dos 73% em 2001. Além disso, os países estão [buscando alternativas para o sistema SWIFT](#), que também tem sido usado em auxílio de sanções do Ocidente e assim alarmou a maioria global. À medida que os países com moedas estáveis ganham influência, surge uma ordem econômica mais multipolar, remodelando as alianças geopolíticas, a diplomacia econômica e o equilíbrio de poder nas instituições internacionais. Essa mudança pode conceder aos países em desenvolvimento maior flexibilidade na gestão de suas moedas e políticas monetárias e limitar a capacidade do Ocidente de impor sanções unilateralmente. Além disso, as nações do BRICS ultrapassaram recentemente o G7 em termos de PIB, sinalizando uma redistribuição do poder econômico e sugerindo um futuro de cooperação em comércio, investimento, infraestrutura e assistência ao desenvolvimento.

A **quinta e última**, é o notável colapso da credibilidade da imprensa ocidental. Isso ocorre em um momento crítico, pois repetidas deficiências nos últimos anos aumentaram a conscientização global sobre o papel da mídia ocidental em perpetuar os aspectos preferidos do Ocidente da atual ordem mundial – muitas vezes em detrimento de outros países.

Por exemplo, o persistente ataque à China nas manchetes ocidentais perpetuou uma improdutiva [narrativa geradora de medo de Pequim](#) como uma ameaça para seus próprios cidadãos e para o mundo em geral. Os contextos geopolíticos de Hong Kong e Taiwan, embora assuntos complicados, foram particularmente e seletivamente acionados para promover uma narrativa “nós contra eles”, em vez de encorajar o entendimento entre o Ocidente e a China.

Da mesma forma, a cobertura esmagadoramente unilateral do conflito ucraniano negligencia regularmente as complexidades geopolíticas nacionais e regionais no relacionamento russo-ucraniano de longa data e a história da expansão da OTAN na Europa. A falta de reportagens sobre o bombardeio do Nord Stream, que muitos acreditam ter sido perpetrado por uma nação ocidental – [com reportagens para apoiar essa afirmação](#) – é um buraco flagrante que contribuiu para a falta de confiança na mídia ocidental, tanto de leitores não-ocidentais quanto ocidentais. Apenas alguns meses depois a imprensa ocidental [silenciosamente admitindo](#) a potencial culpabilidade ocidental, ou pelo menos, o conhecimento.

Além disso, a cobertura inadequada e tendenciosa de conflitos não ocidentais, como os do Iêmen, Mianmar e Palestina, levou a acusações globais de [negligência](#), [viés](#) e até [mesmo racismo](#).

MAUS PRESSÁGIOS

Os governos ocidentais que operam em uma câmara de negação precisam alcançar seus amigos em todo o mundo e perceber o que é óbvio para todos, exceto para eles mesmos: que o mundo não é como era na era pós-Guerra Fria. As velhas formas de agir terminaram, e o Ocidente simplesmente não tem o poder político e

financeiro, para não mencionar a legitimidade internacional, que já teve. As nações ocidentais devem se adaptar a esse ambiente internacional em mudança, em vez de insistir obstinadamente em manter as coisas como sempre foram. Deixar de fazer isso tornará o mundo um lugar mais perigoso e corroerá ainda mais a credibilidade e a influência do Ocidente.

Publicado no [*The National Interest*](#).

**Chandran Nair é um empresário malaio, fundador do The Global Institute for Tomorrow, um think-tank independente com sede em Hong Kong. Ele também é Diretor de Projetos do The Other Hundred, um concurso internacional de fotografia e projeto de livro de fotos.*
